

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal: O brilho do parecer apaga o suor do fazer — a fachada que esconde o vazio

Publicado em 2026-05-13 12:51:36



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



“O brilho do parecer apaga o suor do fazer” — a fachada que esconde o vazio.

A tirania da aparência: como Portugal se deslumbra com o 'ser' e esquece o 'gerar'

Ensaio sobre a sociedade do faz-de-conta, onde o valor real é secundário e a decadência é o prémio

Vivemos o tempo da vitrina. O que conta não é o que se faz, mas o que se aparenta. Não o valor que se gera, mas a pose que se exhibe. Em Portugal, esta doença é crónica, mas agravou-se: **o país inteiro tornou-se um palco onde todos representam, poucos produzem e quase ninguém cobra resultados.** O empreendedor de meia-tigela que anda de BMW mas deve ao fornecedor. A startup que recebe subsídios e não

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

enquanto o salário mal chega ao fim do mês. **Gerar valor é sempre secundário. O que interessa é a aparência de ser.** E assim, entre espelhos e tretas, se acaba com uma sociedade e um país.

 Pondé: a farsa do politicamente correcto é apenas uma das máscaras. A grande farsa portuguesa é amar a pose e odiar o esforço.

| Onde a doença se mostra

 **Na política: o reino das inaugurações e das comissões**

O político português é um mestre da aparência. Anuncia, promete, inaugura placas. Mas pergunte-lhe: **quantos postos de trabalho reais criou? Quantas empresas exportadoras nasceram? Quanta produtividade aumentou?** O silêncio é ensurdecedor.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Nas empresas: o culto do carro e do escritório vazio

Conhece o empresário que anda de Mercedes e paga salários de fome? Conhece a startup que aluga um espaço moderno, tem logótipo bonito, mas não tem clientes? **A aparência de sucesso substituiu o sucesso real.** O mercado português está cheio de empresas-fantasma, de projectos financiados que não geram retorno, de líderes que confundem posture com competência. E os bancos, os consultores, os media — todos alimentam a ilusão. Porque a ilusão dá notícia. O trabalho silencioso, não.



Nas redes sociais: o império do "parecer feliz"

A vitrina digital é o espelho máximo da nossa decadência. **Ninguém posta o insucesso, o cansaço, a conta vazia.** Posta-se o brunch, a viagem, o momento de glória. As vidas são filtradas, editadas, publicitadas. O jovem que vê aquilo pensa que é o único que falha. E a ansiedade cresce. A depressão galopa. Porque a comparação com a aparência dos outros é uma luta perdida. O valor real — o estudo, o trabalho, a resiliência — fica nos bastidores, invisível.



O preço da fachada (alguns números)

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ensino superior já emigraram ou pensam emigrar.

- **Subsídio-dependência:** 90% do investimento público financiado por fundos comunitários.
- **Empresas zombie:** Milhares de empresas vivem de apoios, não de facturação real.
- **Dívida privada elevada:** O endividamento das famílias para manter a aparência é uma das maiores da Europa.

Porque é que isto acontece (e se perpetua)

1. A educação que não educa para o valor real: A escola premia a memorização, não a criação. O aluno é avaliado por repetir, não por inovar. Sai de lá sem saber fazer um projecto, mas sabe preencher um teste.

2. A cultura do “jeitinho” e da cunha: Mais vale ter um bom contacto do que ser competente. O mérito é suspeito; a lealdade tribal, premiada.

3. O medo do fracasso: Ninguém quer arriscar porque o erro é público e humilhante. Mais vale não tentar do que tentar e falhar. A aparência de competente mantém-se assim, sem ser testada.

4. Os media que alimentam a fachada: As revistas

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

🧠 “O país da fachada é um país que desaprendeu a fazer. Perdeu o gosto pelo trabalho, pela paciência, pela obra. Quer o resultado sem o percurso. E depois admira-se de estar falido.” — Sombra de Dúvida

Como sair do ciclo da aparência (e voltar a gerar valor)



1. Reabilitar o mérito e a competência

Nas empresas, na administração pública, nas universidades — avaliar por resultados reais, não por títulos ou antiguidade. Prémios para quem gera valor, sanções para quem apenas aparenta.



2. Desmontar o culto da aparência nos media e nas redes

Educar para a literacia mediática. Ensinar a distinguir publicidade de realidade. Boicotar conteúdos que promovem o vazio luxuoso. Valorizar o jornalismo que investiga e aprofunda.



3. Reformar a escola para o pensamento crítico e o fazer

Acabar com a escolaridade baseada na decoreba. Introduzir projectos práticos, orçamentos reais, simulações empresariais. Aprender a falhar e a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

resilientes, os artesãos, os cientistas que criam emprego, os professores que inspiram. Dar-lhes palco, não aos fantoches da moda.



5. Assumir a imperfeição como humana

Sair das redes a tempo. Não competir pela vida perfeita. Celebrar o processo, não apenas o resultado. Recuperar o orgulho no trabalho bem feito, mesmo que não dê “like”.

O papel do cidadão: preferir o suor à pose

Não podemos esperar que o regime se auto-reforme. O sistema da aparência alimenta-se da nossa vaidade e do nosso medo. A mudança começa em cada um de nós: **preferir o que é real ao que é mostrado; o que é feito ao que é dito; o que custa ao que é fácil.** Deixar de aplaudir o político que inaugura e começar a exigir o que entrega. Deixar de seguir o influenciador que exhibe e valorizar o trabalhador que produz. Deixar de invejar o vizinho de BMW e perguntar: “Com o quê?”. **A tirania da aparência só cai quando cada um de nós se recusa a ser actor nela.**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

escolha é nossa.

Sombra de Dúvida

nem todas as certezas merecem descanso

📖 Ensaio publicado em **Fragmentos do Caos** — cidadania, Portugal e o mundo. Texto em português de Portugal (AO 1990). Partilha livre com citação da fonte e do autor.